



NOTA IMPORTANTE:
OS EDITORES NÃO SE RESPONSABILIZAM POR MANIFESTAÇÕES DE INSANIDADE
OU TENTATIVAS DE SUICÍDIO INDUZIDAS PELA LEITURA DESTA OBRA.

ÍNDICE.

AS RATAZANAS NAS PAREDES
A MALDIÇÃO QUE SE ABATEU SOBRE SARNATH
A ÁRVORE
O PÂNTANO DA LUA
A DEMANDA ONÍRICA DA KADATH DESCONHECIDA
O MODELO DE PICKMAN
NYARLATHOTEP.
EX OBLIVIONE
O CASO DE CHARLES DEXTER WARD
HORROR EM RED HOOK





CONSEGUE OLHAR PARA O LADO?

~ AS RATAZANAS NAS PAREDES ~

TRADUÇÃO E NOTAS DE:
JOSÉ MANUEL LOPES



: AS RATAZANAS NAS PAREDES¹ :

Tradução e notas de José Manuel Lopes

No dia 16 de Julho de 1923 mudei-me para Exham Priory, logo que o último operário da construção acabou as obras. A restauração da casa fora um trabalho monumental pois pouco restava desse enorme amontoado de pedras, para além de algumas paredes exteriores arruinadas. Contudo, como se tratava do local onde tinham vivido os meus antepassados, não olhei a despesas. Esse lugar já não era habitado desde o reinado de Jaime I, quando uma tragédia de um cariz hediondo, embora inexplicável, dizimara o dono da casa, cinco dos seus filhos e alguns criados, afastando, sob uma nuvem de suspeição e terror, o terceiro filho, progenitor da minha linhagem e o único sobrevivente da mesma. Todavia, como este herdeiro fora denunciado como um assassino, em breve a casa reverteu para a Coroa, sem que esse homem acusado tivesse feito qualquer tentativa para provar a sua inocência e readquirir a propriedade. Abalado por um horror maior do que o da consciência ou o da lei, e expressando apenas o obsessivo desejo de excluir esse edifício da vista e da memória, Walter de la Poer, o décimo primeiro Barão de Exham, fugiu para a Virgínia, onde iniciou uma família que, durante o século seguinte, iria ser conhecida pelo apelido de Delapore.

Exham Priory permaneceu sem residentes, embora mais tarde tivesse sido integrada na propriedade da família Norrrys, tornando-se objecto de estudo devido à composição peculiar da sua arquitectura. Esta revelava torres góticas que assentavam sobre uma subestrutura saxónica e românica, cujos alicerces, por sua vez, revelavam ainda uma série de outros vestígios: romanos e até druidas ou galeses nativos, se acreditarmos nas lendas. Esses alicerces eram uma coisa bastante curiosa, confinando num dos lados com o sólido precipício de calcário, à beira do qual a mansão se erguia sobre um vale isolado, sete quilómetros a oeste da aldeia de Anchester. Arquitectos e pessoas interessadas por coisas antigas adoravam examinar essa estranha relíquia de séculos imemoriais, mas os habitantes da aldeia detestavam-na. Esse ódio já se acendera há centenas de anos, quando os meus antepassados ainda aí viviam, e detestavam-na agora devido ao musgo e ao mofo que parecia dominar toda essa estrutura abandonada. Eu não estava há um dia em Anchester, quando vim a saber que provinha de uma casa amaldiçoada. E

¹ Publicado pela primeira vez na *Weird Tales* (Março de 1924) sob o título «The Rats in the Walls», depois de ter sido recusado pela *Argosy All-Story Weekly* por «ser demasiado horrível para a delicada sensibilidade do público».

esta semana, os trabalhadores fizeram explodir Exham Priory e estão ainda ocupados a verem-se livres de quaisquer vestígios dos seus alicerces.

Eu sempre conhecera os dados nus e crus da minha descendência, juntamente com o facto de que o meu primeiro progenitor americano viera para as colónias sob estranhas suspeitas. Porém, mantivera-me alheado de todos os detalhes devido a uma atitude de secretismo que os Delapore sempre tinham mantido. Ao contrário dos nossos vizinhos das plantações, raramente nos gabávamos de antepassados que tivessem participado nas Cruzadas, ou de heróis medievais ou renascentistas. Nem nenhuma espécie de tradição me fora transmitida, excepto a que teria sido registada e mantida num envelope selado, deixado por todos os morgados aos seus primogénitos, após a Guerra Civil, e que só deveria ser aberto postumamente. As glórias que compartilhávamos eram apenas aquelas que conseguíramos desde a nossa migração; as glórias de uma honrada e orgulhosa família da Virgínia, ainda que muito reservada e pouco social.

Durante a Guerra perdemos toda a nossa fortuna e a nossa existência mudou completamente após o incêndio de Carfax, a nossa casa nas margens do Rio James. O meu avô, já muito idoso, perecera nessa revoltante fúria incendiária, e com ele o envelope que nos ligava a todos ao passado. Ainda me consigo lembrar desse incêndio tal como o vi (tinha então sete anos de idade), com os soldados federais a darem ordens em voz alta, as mulheres a gritarem e os pretos a ulularem em oração. O meu pai estava no exército a defender Richmond e, após muitas formalidades, eu e a minha mãe conseguimos atravessar as linhas para nos juntarmos a ele. Quando a Guerra acabou, mudámo-nos todos para o Norte, onde a minha mãe tinha as suas origens, e eu atingi a idade adulta, a meia-idade e a minha riqueza como um fleumático ianque. Nem eu nem o meu pai viemos alguma vez a saber o que o nosso envelope continha e, à medida que me vou embrenhando na acinzentada vida de negócios de Massachusetts, perdi todo o interesse pelos mistérios que se ocultavam há muito, relativos à minha árvore genealógica. Se tivesse pelo menos suspeitado da sua natureza, com que prazer teria abandonado Exham Priory ao musgo, aos morcegos e às teias de aranha!...

O meu pai morreu em 1904, mas sem ter deixado qualquer mensagem a mim ou ao meu filho Alfred, um rapaz de dez anos, órfão de mãe. Foi precisamente este rapaz que acabou por inverter a ordem das informações de família, pois ainda que eu apenas lhe pudesse fornecer conjecturas jocosas sobre o passado, ele escreveu e enviou-me algumas lendas muito interessantes acerca dos nossos antepassados, quando a Grande Guerra o levou até Inglaterra, como oficial da Aviação. Aparentemente, os Delapore tinham uma história vibrante e talvez sinistra, pois um amigo do meu filho,

o Capitão Edward Norrrys, de um Batalhão da Real Força Aérea, residia perto da nossa casa de família em Anchester e relatou-lhe algumas das superstições campesinas que poucos romancistas conseguiriam igualar, no domínio do incrível e da estranheza. É claro que Norrrys não as levava a sério, mas divertiram muito o meu filho, fornecendo-lhe assuntos de sobra para as cartas que me escrevia. Efectivamente, foi toda essa informação de natureza lendária que me despertou a curiosidade pelas minhas origens transatlânticas, e me levou a adquirir e a restaurar a mansão familiar que Norrrys mostrara a Alfred, em todo o seu pitoresco abandono, sugerindo-lhe um preço muito razoável, dado que a mesma pertencia agora a um tio dele.

Comprei Exham Priory em 1918, mas em breve abandonei os meus planos de restauro ao ver o meu filho regressar mutilado, como um inválido de guerra. Durante os dois anos em que ele ainda viveu, não pensei em mais nada senão em cuidar dele, tendo deixado os meus negócios nas mãos de alguns sócios. Em 1921, ao sentir-me desgostoso e à deriva, um empreendedor reformado que já não era nada novo, resolvi passar os anos que ainda me restavam na minha nova aquisição. Quando visitei Anchester, em Dezembro, foi recebido pelo Capitão Norrrys, um sujeito amigável e bem nutrido que ainda tinha o meu filho em grande estima, e me ofereceu a sua assistência no que respeitava à recolhas de plantas arquitectónicas e de histórias capazes de me inspirarem nas obras que pretendia levar a cabo. A própria Exham Priory era algo que eu observava sem qualquer emoção, um amontoado de periclitantes ruínas medievais cobertas de líquenes e de ninhos de gralhas, perigosamente inclinada sobre um precipício, sem soalhos ou outras características interiores, para além das paredes de pedra das torres separadas.

Enquanto ia recuperando, pouco a pouco, a imagem desse edifício tal como ele fora quando o meu antepassado o abandonara há já três séculos, comecei a contratar operários para a sua reconstrução. Para isso, via-me obrigado a procurá-los fora das imediações, pois os aldeãos de Anchester sentiam um medo irracional e um ódio vivo por esse lugar. Este sentimento era tão intenso que, por vezes, se transmitia aos trabalhadores vindos de fora, causando inúmeros despedimentos por parte dos mesmos, estendendo-se essa má impressão não só à casa mas também à velha família.

O meu filho dissera-me que os residentes locais tendiam a evitar as suas visitas, só porque ele era um de la Poer, e agora eu via-me subtilmente condenado ao ostracismo do mesmo modo, até ter convencido os camponeses de que, de facto, pouco conhecia acerca das minhas origens. Mesmo assim, não havia dúvida de que não simpatizavam nada comigo, e eu vi-me obrigado a recolher grande parte das tradições da aldeia, usando Norrrys como intermediário. O que as pessoas talvez não me pudessem perdoar, era

que eu tivesse vindo para restaurar o que para eles era um odioso símbolo, pois, com uma dose menor ou maior de racionalidade, eles viam Exham Priory como um covil de almas inimigas e de lobisomens.

Juntando as histórias que Norrrys recolhera para mim, e suplementando-as com vários relatos de alguns especialistas que tinham estudado as ruínas, vim a deduzir que Exham Priory se erguia no local de um templo pré-histórico, algo druida ou pré-druida que deveria ter sido contemporâneo de Stonehenge. Pouco duvidavam que rituais indescritíveis aí tinham sido celebrados, e havia ainda histórias menos agradáveis acerca da transferência desses mesmos rituais para o culto de Cibele, introduzido pelos romanos. Inscrições ainda visíveis na subcave revelavam letras tão inconfundíveis como: «DIV [...] OPS [...] MAGNA. MAT [...]», o sinal da *Magna Mater*², cujo culto secreto em vão fora proibida entre os romanos. Anchester tinha sido o acampamento da Terceira Legião de Augusto, tal como muitos vestígios indicavam, e dizia-se que o Templo de Cibele era esplêndido e apinhado de fiéis que se entregavam a inomináveis cerimónias sob o comando de um sacerdote frígio. Os relatos afirmavam também que a perda da velha religião não pusera fim às orgias que ocorriam nesse templo, pois os sacerdotes, convertidos à nova fé, em nada tinham mudado. Do mesmo modo, dizia-se que esses rituais não se tinham extinguido com o poder romano, e que alguns saxões tinham mesmo aumentado o que restava desse templo, fazendo dele o centro de um culto temido durante metade da Heptarquia³. Por volta do ano 1000 d. C., o lugar é mencionado numa crónica como sendo um importante priorado, construído em pedra, que abrigava uma estranha e poderosa Ordem monástica, rodeado por jardins que não necessitavam de muros para manter bem longe a populaça. Nunca chegou a ser destruído pelos dinamarqueses, se bem que após a Conquista Normanda devesse ter declinado tremendamente, pois não houve qualquer impedimento quando Henrique III legou esse lugar, em 1261, ao meu antepassado, Gilbert de la Poer, Primeiro Barão de Exham.

Antes dessa data não existem referências negativas em relação à minha família, no entanto, algo de estranho deveria ter acontecido por essa altura. Numa crónica lê-se uma referência a um de la Poer «amaldiçoado por Deus», em 1307, enquanto as lendas da aldeia não mostravam senão um receio irreverente e terrível acerca desse castelo, construído sobre os alicerces do velho templo e do priorado. Os contos que se transmitiam às lareiras eram de arrepiar os cabelos, especialmente devido às suas reticências eivadas de receios e às suas obscuras evasivas. Representavam os meus

² Referência a um dos atributos de Cibele.

³ Referência aos sete reinos anglo-saxónicos de Inglaterra.

antepassados como uma raça de demónios hereditários — ao lado dos quais Gilles de Retz⁴ e o Marquês de Sade quase pareciam principiantes —, comentando entre dentes a responsabilidade que a minha família tivera no desaparecimento de aldeãos ao longo de várias gerações.

Os piores indivíduos, não obstante, eram os barões e os seus herdeiros directos, pelo menos, muito se dizia acerca destes. Se um deles tivesse inclinações mais saudáveis, dizia-se que essa pessoa acabaria por morrer cedo e de um modo misterioso, para dar lugar a um herdeiro mais «apropriado». Parecia também haver um culto exclusivo na família, presidido pelo dono da casa e muitas vezes vedado, excepto a uns quantos membros. O temperamento, e não a linhagem estavam, sem dúvida, na base desse culto, que fora abraçado por algumas pessoas que tinham entrado na família através do casamento. *Lady* Margaret Trevor da Cornualha, mulher de Godfrey, o segundo filho do quinto barão, tornou-se um dos ogres mais falados por toda essa zona rural e a heroína demoníaca de uma velha balada particularmente mórbida, não de todo extinta junto à fronteira do País de Gales. Preservado também nesse reportório de baladas, embora não ilustrando ao mesmo ponto, existe o conto hediondo de *Lady* Mary de la Poer que, logo após ter desposado o Conde de Shrewsfield, foi morta por este e pela sua mãe, tendo ambos os assassinos sido absolvidos e abençoados pelo padre a quem confessaram o que nunca se atreveriam a revelar publicamente.

Esses mitos e baladas, embora fossem produtos típicos da mais básica superstição, repugnaram-me bastante. A sua persistência e o modo como se referiam à minha longa linha de antepassados eram-me particularmente incómodos, ainda que as acusações de hábitos monstruosos provassem ser desagradavelmente reminiscentes do único escândalo conhecido, relacionado com os meus antepassados: o caso do meu primo, o jovem Randolph Delapore, de Carfax, que se juntou aos pretos para se tornar um sacerdote vodu, após ter regressado da Guerra do México.

Perturbaram-me bastante menos os contos mais vagos de lamentações e uivos, nesse abandonado vale varrido pelo vento junto ao precipício calcário; os fedores emanando de cemitérios após as chuvas primaveris; a coisa branca, a guinchar e a debater-se, que o cavalo de *Sir* John Clave pisara numa noite, num campo ermo; e o criado que enlouquecera com o que tinha visto no priorado em plena luz do dia. Essas referências não passavam de tradições espectrais sem pés nem cabeça, e eu era na altura um confessado céptico. Os relatos, porém, acerca de camponeses desaparecidos não se poderiam ignorar do mesmo modo, embora não fossem particularmente

⁴ Referência a Gilles de Retz ou (de Rais), um fidalgo francês dos inícios do século XV, que se diz estar por detrás da lenda acerca do Barba Azul.

significativos quando inseridos num contexto medievo. Inquirir sobre tais assuntos pressupunha nesses tempos a pena de morte, e mais do que uma cabeça cortada fora exposta ao público nos bastiões, agora destruídos, que rodeavam Exham Priory.

Alguns desses contos orais eram extremamente curiosos, fazendo-me lamentar não ter aprendido mais acerca de Mitologia Comparada na minha juventude. Existia, por exemplo, a crença de que uma legião de demónios, com asas de morcego, mantinha um Sabat de Bruxas, todas as noites, nesse priorado. Uma legião cujo sustento poderia justificar a larga abundância de legumes comuns em grandes extensões de terreno. E, ainda mais presente do que tudo isso, a dramática épica das ratazanas — esse exército activo de obscenos animais daninhos, que tinha irrompido do castelo três meses depois da tragédia que o votara ao abandono — esse magro, nojento e voraz exército que devorara tudo o que encontrara: aves de caça, gatos, cães, porcos, ovelhas e mesmo duas indefesas criaturas humanas, antes de ter saciado o seu apetite. Em torno dessa inesquecível horda de roedores gira todo um ciclo de mitos distintos, pois essas mesmas ratazanas ter-se-iam espalhado pelas casas da aldeia, despertando, na sua incursão, pragas e maldições.

Tais eram as lendas populares que me assaltavam, enquanto tentava levar a bom fim, com uma acérrima teimosia, o trabalho de restaurar a mansão dos meus antepassados. Nem por instantes alguém deverá imaginar que tais relatos possam estar na base das minhas características psicológicas. Por outro lado, sempre fui encorajado e alvo de elogios quer pelo Capitão Norrys quer pelas pessoas que se interessavam por coisas antigas, que me rodearam e me prestaram uma grande ajuda. Quando a tarefa acabou, dois anos após o seu início, pude ver as grandes salas, as paredes com lambris, os tectos abobadados, as janelas com pinázios e as largas escadarias, com um orgulho que compensava plenamente as prodigiosas despesas dessas mesmas obras de restauro. Cada característica da Idade Média aí figurava, surpreendentemente reproduzida, e as partes novas e acrescentadas condiziam perfeitamente com as paredes originais e com os alicerces. A casa dos meus pais estava completa e eu encarava já a possibilidade de poder vir a redimir, quanto mais não fosse, a fama local dessa linhagem que terminava comigo. Iria aí residir permanentemente e provar que um de la Poer (pois adoptara a grafia original do meu apelido) não teria que ser um odioso inimigo. Embora Exham Priory tivesse sido desenhada para a Época Medieval, o meu conforto fora talvez aumentado pelo facto dos seus interiores serem inteiramente novos, libertos do velho caruncho e de antigos fantasmas.

Tal como já mencionei, mudei-me para aí a 16 de Julho de 1923. A minha nova casa tinha sete criados e nove gatos, sendo estes últimos do

meu especial apreço. O meu gato mais velho, o «Pretinho», já tinha sete anos e viera comigo da minha casa em Bolton, no Massachusetts; os outros acabei por recolher enquanto vivia ainda com a família Norrrys, durante a restauração da minha casa. Durante cinco dias a nossa rotina decorreu com muita calma, passando eu grande parte do tempo a catalogar velhos documentos familiares. Já conseguira obter alguns relatos circunstanciais acerca da tragédia final e da fuga de Walter de la Poer, que eu julguei ser o conteúdo provável da papelada hereditária perdida no incêndio em Carfax. Parecia que esse meu antepassado fora acusado, justificadamente, de ter assassinado as outras pessoas da sua residência, enquanto dormiam, à excepção de quatro criados confederados, duas semanas após a descoberta chocante que mudara todo o seu comportamento, mas que, implicitamente, ele não revelou a mais ninguém a não ser a esses criados que o ajudaram, e que depois fugiram para bem longe.

Esse massacre deliberado, que incluía um pai, três irmãos e duas irmãs, foi amplamente tolerado pelos aldeãos, e tratado de um modo tão pouco sério pela justiça, que o responsável pelo mesmo conseguiu escapar ileso para a Virgínia, com a sua honra intacta, e sem necessidade de se disfarçar, sendo o sentimento geral que se relatava, o facto de ele ter expurgado toda essa região de uma praga imemorial. Que descoberta poderia ter levado a um acto tão terrível era algo que eu mal poderia conjecturar. Walter de la Poer deveria ter tido conhecimento, durante anos, de todos os contos sinistros acerca da sua família. De modo que, esses relatos não lhe deveriam ter dado uma nova motivação. Será que ele teria testemunhado algum hediondo ritual antigo, ou encontrado por acaso algum símbolo apavorante e revelador, na mansão ou nas suas vizinhanças? Dizia-se que ele fora um jovem simpático e tímido em Inglaterra. Na Virgínia, não parecera ser mais duro nem amargurado, mas antes um indivíduo perturbado e apreensivo. Ele fora mencionado no Diário de um outro fidalgo-aventureiro, Francis Harley de Bellview, como um homem de exemplar rectidão, honra e delicadeza.

A 22 de Julho, ocorreu o primeiro incidente que, embora ignorado na altura com um encolher de ombros, veio a adquirir um significado sobrenatural, tendo em conta os mais recentes acontecimentos. Era tão simples que quase se poderia negligenciar, e não poderia ter sido notado dadas as circunstâncias, pois deverá ser recordado que eu estava num edifício praticamente novo, à excepção das paredes, e rodeado por um pessoal bem equilibrado de servidores. Assim, qualquer apreensão teria sido absurda, não importava a natureza do local. Do que lembro mais tarde é apenas do seguinte: que o meu velho gato preto, cujos hábitos eu bem conhecia, estava sem dúvida muito alerta e ansioso, de um modo que nada tinha que ver

com o seu carácter natural. Ele andava muito perturbado e sem parar de divisão em divisão, farejando constantemente as paredes que faziam parte da velha estrutura gótica. Dou-me conta da banalidade do que acabo de afirmar — um pouco como o cão nas histórias de fantasmas, que rosna sempre antes que o dono veja uma figura coberta por um lençol — contudo, não o poderei verdadeiramente suprimir.

No dia seguinte, um criado queixou-se do estado de inquietação que parecia afectar todos os gatos da casa. Veio ter comigo ao meu estúdio no primeiro andar, uma sala abobadada que dava para o lado oeste, com ogivas cinzeladas, painéis de carvalho escuro e uma gótica janela tripla e saliente, por sobre a escarpa de calcário e o vale desolado, e, mesmo quando ele estava a falar comigo, eu podia ver a forma nigérrima do Pretinho a andar junto à parede oeste e a arranhar os novos painéis que cobriam a pedra antiga. Sugeriu a esse homem que talvez houvesse um odor peculiar que emanasse dessas velhas pedras, imperceptível para nós humanos, mas capaz de afectar os delicados órgãos olfactivos dos gatos, mesmo através dessas superfícies apaineladas de madeira. Nisso pretendia eu acreditar plenamente e, quando o sujeito aludiu à presença de ratos ou de ratazanas, disse-lhe que não havia animais desse género há mais de trezentos anos, e que mesmo os ratos do campo, vindos das imediações próximas, nunca poderiam ter penetrado nessas paredes altas, nem nunca por aí se tinham aventurado. Nessa mesma tarde, fui visitar o Capitão Norrrys e ele assegurou-me que seria inacreditável que ratos do campo pudessem infestar essa mansão tão repentinamente e de uma forma tão pouco usual.

Nessa noite, depois de ter dispensado, como era hábito, os serviços do meu criado, retirei-me até ao quarto da torre oeste que eu escolhera para mim e que eu podia alcançar desde o estúdio, através de uma escada de pedra e de uma pequena galeria — sendo a primeira em parte antiga, e a última inteiramente restaurada. Esse quarto era circular, muito alto e sem lambris, com as paredes cobertas por tapeçarias de Arras que eu próprio escolhera em Londres. Vendo que o Pretinho estava comigo, fechei a pesada porta gótica e fiquei sob luz de lâmpadas eléctricas que tão habilmente imitavam velas. Por fim, apaguei-as, para me afundar nessa cama com quatro postes e dossel, com o gato a meu pés, como já era costume. Não fechei as cortinas da mesma, mas tentei olhar por uma janela a norte, mesmo em frente de mim. Havia uma insinuação de aurora no céu e a silhueta dos delicados desenhos da janela tornaram-se-me imensamente fascinantes.

Numa dada altura, deveria ter adormecido calmamente, pois ainda me lembro muito bem de ter sido arrancado de estranhos sonhos, quando o gato se levantou de um salto, abandonando a sua posição sossegada. Vi-o à luz vaga do amanhecer, com a cabeça muito levantada, as patas da frente

nos meus tornozelos e as de trás muito esticadas. O animal estava a olhar intensamente para um determinado ponto na parede, a oeste da janela, um ponto que, para os meus olhos, nada tinha de especial, mas sobre o qual acabara por focar a minha atenção. E, à medida que o observava, sabia que o Pretinho não se sobressaltara em vão. Se as tapeçarias se moveram realmente é algo de que não poderei ter a certeza. Mas o que posso jurar é que, por detrás delas, ouvi o ruído baixo mas distinto de uma correria de ratos ou de ratazanas. Num instante, o gato deu um salto sobre essas tapeçarias, que cobriram as paredes, arrancando-lhes um pedaço com o seu peso e expondo assim um velho muro de pedra húmida, rebocado aqui e ali pelos operários, mas sem qualquer traço da presença de roedores. O Pretinho começou então a correr para um lado e para o outro junto dessa parede, arranhando por vezes o pedaço de tapeçaria caído no chão e tentando inserir uma pata entre a parede e o sobrado de carvalho. Contudo, o gato nada encontrou e, após algum tempo, voltou cansado para o seu local do costume, a meus pés. Eu não me tinha mexido, mas não voltei a pregar olho durante essa noite.

De manhã, interroguei todos os criados e vi que nenhum deles reparara em nada fora do normal, excepto que a cozinheira se lembrava de que o gato, que ficava no parapeito da janela do seu quarto, estivera muito irrequieto. Esse gato miara desesperadamente a uma certa hora da noite, acordando a cozinheira a tempo de o ver a correr pela porta aberta até ao andar de baixo. Dormitei até ao meio-dia e, à tarde, fui de novo até casa do Capitão Norrys, que se mostrou imensamente interessado em tudo o que lhe contei. Esses estranhos incidentes — tão insignificantes e contudo tão peculiares — apelaram ao seu sentido de curiosidade, despertando-lhe toda uma série de reminiscências relacionadas com histórias de fantasmas. Estávamos verdadeiramente surpreendidos com a hipótese da presença de ratazanas, e o Norrys arranjou-me algumas ratoeiras cheias de veneno que, logo que regressei, os criados se apressaram a colocar em lugares estratégicos

Deitei-me cedo, pois estava cheio de sono, mas fui atormentado pelos mais horrendos sonhos. Neles, era como se estivesse a olhar para baixo, desde uma grande altura, para uma gruta sombria repleta de imundices, onde um porqueiro demoníaco, de barba branca, conduzia, com o seu queijado, um rebanho de animais monstruosos, flácidos e cheios de fungos, cujo aspecto me enchia de repulsa. Depois, quando o porqueiro parava e acenava com a cabeça, vi uma multidão de ratazanas a cair sobre abismo fedorento, devorando esse homem e esses animais.

Fui imediatamente acordado dessa visão terrível pelos movimentos do Pretinho, que estava a dormir a meus pés, como de costume. Dessa vez

não tive que questionar a origem dos seus ruídos e sopros, nem o medo que fez com que ele me cravasse as unhas nos tornozelos, sem mesmo se dar conta do que fazia, pois em todos os lados do quarto as paredes estavam vivas com um som repulsivo: com as corridas de infestantes ratazanas gigantescas. Não havia então qualquer raio de aurora capaz de mostrar o que se passava sob as tapeçarias, tendo o pedaço arrancado sido substituído — porém, não estava a sentir grande medo quando acendi os candeeiros.

À medida que as lâmpadas se encheram de luz, vi um horrível ondular por toda a tapeçaria, fazendo com que os seus desenhos peculiares executassem uma estranha dança da morte. Esse movimento, no entanto, desapareceu logo de seguida, e com ele o som que ouvira. Depois de saltar da cama, tentei tocar na tapeçaria com o cabo comprido de um aquecedor de lençóis, erguendo uma das secções para ver o que existiria por baixo. Não mais do que a parede de pedra rebocada me era dado ver, e até mesmo o gato perdera já o ar tenso que eu reparara, perante essas presenças anormais. Quando examinei a ratoeira circular que fora posta no quarto, descobri que as molas tinham disparado, embora não houvesse quaisquer traços nem do que captara nem do que se teria escapado.

Continuar a dormir estava fora de questão. Assim, depois de ter acendido uma vela, abri a porta e fui até à galeria que dava para as escadas que desciam até ao meu estúdio, com o Pretinho a seguir-me passo a passo. Todavia, antes de termos chegado aos degraus de pedra, o gato apressou-se a correr diante de mim e a descer por essa escada antiga. Mas ao percorrer esses degraus, eu próprio me dei conta dos sons nessa grande divisão inferior, sons de uma natureza totalmente inconfundível. Por detrás dos painéis de madeira havia uma multidão de ratazanas a correr e a tentar perfurá-los, enquanto o Pretinho saltava por toda a parte, com a fúria de um caçador desafiado. Ao chegar ao fundo das escadas acendi de novo a luz que, dessa vez, não fez com que esse ruído abrandasse. As ratazanas continuavam nesse tumulto, com uma insistência e uma força tão distinta que me indicavam uma direcção específica. Essas criaturas, em números aparentemente infinitáveis, estavam empenhadas em mudarem-se de uma altura inconcebível para profundezas, críveis ou incríveis, ainda mais subterrâneas.

Ouvi então passos no corredor e, logo depois, dois criados a abrirem a porta maciça. Andavam à procura, pela casa, da origem dessa perturbação desconhecida que tinha enchido de pânico todos gatos e feito com que estes se tivessem precipitado a descer vários vãos de escadas, para se sentarem a miar desesperadamente diante da porta fechada da subcave. Perguntei-lhes então se eles tinham ouvido as ratazanas, mas disseram-me que não. E, quando lhes ia a chamar a atenção para o ruído por detrás dos painéis, reparei que o mesmo tinha cessado. Na companhia desses dois homens, descí

até à porta da subcave, mas reparei que os gatos já se tinham dispersado. Mais tarde, planeava explorar a cripta, mas nessa altura limitei-me a observar as ratoeiras. Todas tinham sido accionadas, mas nenhuma delas captara o que quer que fosse. Satisfeito pelo facto de mais ninguém ter ouvido as ratazanas, excepto eu e os felinos, sentei-me no meu estúdio até de manhã, dando voltas à cabeça, e tentando lembrar-me do mais insignificante fragmento de lenda que descobrira, relacionado com o edifício em que residia.

Dormitei um pouco ao princípio da tarde, recostando-me num dos cadeirões confortáveis da biblioteca, que o meu plano para um mobiliário inteiramente medieval nunca poderia banir. Mais tarde, telefonei ao Capitão Norrrys, que me veio visitar e me ajudou a explorar a subcave. Não conseguimos encontrar nada de estranho, embora não pudéssemos reprimir um certo entusiasmo, ao pensarmos que essa cripta fora construída, por mãos romanas. De facto, cada arco abatido e cada forte pilar era romano — não do estilo românico degradado dos rudes saxões, mas revelando o severo e harmonioso classicismo da época dos Césares. Com efeito, as paredes estavam repletas de inscrições conhecidas por todos os estudiosos que tinham explorado esse lugar, de coisas como: «P. GETÆ. PROP [...] TEMP [...] DONA [...]» e «L. PRÆC [...] VS [...] PONTIFI [...] ATYS [...]»

A referência a Átis provocou-me um calafrio, pois eu lera o poeta Catulo e sabia alguma coisa acerca dos horríveis rituais orientais, cujo culto estava tão associado ao de Cibele⁵. À luz de lanternas, eu e o Norrrys tentámos interpretar os estranhos desenhos quase apagados, em certos blocos rectangulares e irregulares de pedra que em geral se pensavam ser altares, mas, sem que nada mais conseguíssemos descobrir. Lembrávamo-nos ainda de que um desses relevos, uma espécie de sol cheio de raios, era visto pelos estudiosos como indicador de uma origem não romana, o que sugeria que esses altares teriam sido meramente adaptados pelos sacerdotes romanos, a partir de um culto autóctone bem mais antigo, que tivesse existido nesse local. Num desses blocos vi algumas manchas castanhas que me fizeram pensar. O maior, no centro dessa divisão, tinha algumas características na parte de cima, que indicavam a sua ligação com o fogo, talvez com certos sacrifícios.

Isso foi o que conseguimos descobrir nessa cripta, à porta da qual os gatos tinham miado assustadoramente e onde eu e o Norrrys estávamos decididos a passar a noite. Os criados, aos quais eu disse para não se importarem com as reacções nocturnas dos gatos, trouxeram-nos colchões, e não dispensámos a presença do Pretinho, quer para nos ajudar quer para nos

⁵ De acordo com S. T. Joshi trata-se de um referência ao poema de Catulo em que Átis, apaixonado por Cibele, se castra a si mesmo.

fazer companhia. Decidimos manter bem fechada a enorme porta de carvalho, uma réplica moderna com frinças para a ventilação, e, com todas essas coisas tratadas, aí nos retirámos, com as lanternas ainda acesas, para vermos o que iria acontecer.

Essa cripta situava-se muito abaixo dos alicerces do priorado e, sem dúvida, bastante abaixo nessa escarpa de calcário que dominava o vale. Não duvidava que esse espaço fora o objectivo dessas corredoras e inexplicáveis ratazanas, embora eu não o pudesse explicar. Enquanto estávamos aí à espera do que pudesse vir a acontecer, reparei que o meu estado de vigília se mistura por vezes com sonhos meio deformados, dos quais o gato a meus pés me ia acordando. Esses sonhos nada tinham de saudáveis, mas eram horrivelmente semelhantes aos que eu tivera na noite anterior. Mais uma vez vi essa gruta sombria, e o porqueiro com esses indizíveis monstros cobertos de fungos, a chafurdarem na imundície, e, ao olhar para essas coisas, pareciam-me então bem mais distintas e próximas, tão próximas que eu podia quase observar as suas feições. Cheguei mesmo a observar o aspecto flácido de uma delas, o que fez com acordasse aos gritos. O Pretinho deu um salto, enquanto o Capitão Norryrs, que ainda não tinha dormido, se riu a bom rir. Talvez o meu companheiro se tivesse rido mais — ou até menos — se tivesse tido conhecimento do que me fizera gritar. Mas só me lembrei disso mais tarde, pois os grandes terrores paralisam por vezes a memória de um modo aliviante.

Norryrs acordou-me quando começaram os fenómenos. Despertou-me desse mesmo sonho assustador a sua mão, que me abanava suavemente o ombro para que eu ouvisse os gatos. De facto, havia muito que ouvir. Para lá da porta fechada, que ficava no topo da escada de pedra, havia um verdadeiro pesadelo de arranhadelas e miados felinos, enquanto o Pretinho, sem se importar com os companheiros da sua raça, corria excitado em torno das paredes nuas de pedra, por detrás das quais eu podia ouvir a mesma confusão de ratazanas a correr, que me perturbara na noite anterior.

Um verdadeiro terror cresceu então dentro de mim, pois estava na presença de anomalias que nada de normal poderia explicar. Essas ratazanas, caso não fossem o produto de uma loucura que apenas eu compartilhasse com os gatos, deveriam estar a escavar e deslizar através das paredes romanas que eu julgava serem feitas de blocos sólidos de calcário... a não ser que talvez a acção da água, ao longo de mais de dezasseis séculos, os tivesse minado de túneis sinuosos que esses animais tivessem desobstruído e alargado... Mas mesmo assim, o meu horror espectral não diminuía, pois se se tratava de roedores vivos, por que motivo Norryrs não era capaz de ouvir os seus movimentos? Por que razão me dissera para tomar conta do Pretinho e para ouvir os gatos que es-

tavam lá fora? E que o levara a adivinhar, de um modo impreciso e em sobressalto, o que os teria despertado?

Quando lhe pude finalmente dizer, o mais racionalmente que pude, o que pensava estar a escutar, os meus ouvidos deram-me uma última impressão apagada dessa correria, que se deslocara *ainda mais para baixo*, bem mais para baixo dessas profundas subcaves, até nos parecer que toda a colina, sob os nossos pés, estaria a fervilhar de ratazanas em busca de qualquer coisa. Norrys não era tão céptico quanto eu antecipara; em vez disso parecia estar profundamente abalado. Ele chamou-me a atenção para o facto dos gatos que estavam à porta se terem acalmado, como se tivessem desistido desses roedores, enquanto o Pretinho tinha outro acesso de inquietação e começava a arranhar em torno da base desse enorme altar de pedra, no centro da cripta, que se encontrava mais perto do colchão do Norrys do que do meu.

O meu medo do desconhecido era enorme nessa altura. Algo espantoso acabara de acontecer e eu dava-me então conta de que o Capitão Norrys, um homem mais novo, mais forte e talvez mais naturalmente materialista do que eu, estava igualmente abalado, talvez devido à sua familiaridade íntima e prolongada com as lendas locais. Nesse momento, não podíamos fazer outra coisa senão observar o velho gato preto, à medida que ele ia dando patadas, já mais calmas, na base dessa ara, olhando uma vez por outra para nós, do mesmo modo como ele fazia sempre que queria alguma coisa de mim.

Norrys pegou numa lanterna e aproximou-se mais do altar, para examinar melhor o local onde o gato estava a dar essas patadas, ajoelhando-se silenciosamente para remover os líquenes seculares que ligavam esse maciço bloco pré-romano ao piso axadrezado. Não encontrou nada, e já estava prestes a desistir quando eu me dei conta de algo trivial que me provocou calafrios, embora não implicasse mais nada que eu não tivesse já imaginado. Falei-lhe nisso e ambos olhámos para as suas manifestações quase imperceptíveis, com a nossa atenção fixa ante o reconhecimento de uma descoberta fascinante. Era apenas isto: a chama da lanterna, colocada junto à base do altar, estava sem dúvida a oscilar, ainda que muito ligeiramente, devido a uma corrente de ar de que eu não me apercebera antes, e que obviamente provinha da fenda entre o chão e essa ara, de onde Norrys removera os líquenes.

Passámos o resto da noite no estúdio fortemente iluminado, discutindo nervosamente o que deveríamos fazer em seguida. A descoberta de que alguma cripta, ainda mais profunda do que a mais enterrada alvenaria do tempo dos romanos, pudesse existir sobre toda essa construção amaldiçoada — uma cripta de que os estudiosos, durante três séculos, não teriam

sequer suspeitado — fora o suficiente para nos sobressaltar, sem que para isso necessitássemos de alguma informação acerca da sua sinistra existência. Tal como veio a acontecer, esse nosso fascínio parecia adquirir duas vertentes, e ficámos durante algum tempo na dúvida se deveríamos abandonar as nossas buscas e sair para sempre dessa mansão, devido a uma preocupação supersticiosa; ou se deveríamos satisfazer o nosso sentido de aventura e enfrentar os horrores que nos pudessem esperar nessas profundidades desconhecidas. De manhã, já tínhamos chegado a um compromisso e decido ir até Londres, para reunir um grupo de arqueólogos e cientistas capaz de lidar com esse mistério. Deverá contudo ser mencionado que, antes de termos saído da subcave, tentáramos em vão arredar esse altar central que agora reconhecíamos como sendo o portal para um novo abismo de terror inominável. Que segredo poderia abrir esse portal era algo que homens mais sábios do que nós teriam que descobrir.

Durante longos dias em Londres, eu e o Capitão Norrys apresentámos os nossos factos, conjecturas e histórias lendárias a cinco autoridades eminentes, homens que pudessem respeitar possíveis revelações relacionadas com certas famílias, que pudessem vir a lume após investigações futuras. Verificámos que muitos deles não estavam dispostos a trocar do nosso testemunho, mas antes se tinham mostrado sinceramente interessados e do nosso lado. Não será necessário nomeá-los a todos, mas deverei dizer que essa equipa incluía *Sir William Brinton*, cujas escavações na Trôade⁶ tinham excitado, no seu tempo, grande parte do mundo. Enquanto tomávamos todos o comboio para Anchester, sentia que estava à beira de assustadoras revelações, uma sensação simbolizada pelo ar de luto que se verificava entre muitos americanos, perante a morte inesperada do Presidente, no outro lado do mundo⁷.

Ao fim da tarde de 7 de Agosto, chegámos a Exham Priory, onde os criados me asseguram de que nada fora do normal se passara. Os gatos, mesmo o Pretinho, tinham estado perfeitamente sossegados e não havia aí uma única ratoeira em que as molas tivessem saltado. Iríamos iniciar as nossas explorações no dia seguinte, pelo que conduzi os meus convidados aos seus respectivos quartos. Eu próprio me retirei para o que ficava na torre, antecipando já a presença do Pretinho a meus pés. Adormeci rapidamente mas fui assaltado por sonhos tremendos. Tive uma visão de um banquete romano semelhante ao de Trimálquio, com algo de monstruoso numa travessa coberta. Mais tarde, veio-me essa amaldiçoada visão recorrente acerca do porqueiro, com o seu repugnante rebanho nessa

⁶ Antiga região situada na parte noroeste da Anatólia.

⁷ Referência a Warren G. Harding (1865-1923).

gruta sombria. Todavia, quando acordei já era dia e podia ouvir os ruídos normais das lides domésticas nos andares de baixo. As ratazanas, vivas ou apenas fantasiadas, não me tinham incomodado e o Pretinho estava calmamente a dormir. Ao descer, reparei que a mesma tranquilidade caracterizava outros locais, algo que um dos criados, que mandara reunir — um indivíduo chamado Thornton, dado a fenómenos psíquicos —, justificava, devido ao facto de que não fora ainda revelada a coisa que certas forças ocultas me pretendiam mostrar.

Tudo estava então pronto e, às onze da manhã, o nosso grupo de sete homens, com poderosas lanternas de pilhas e instrumentos de escavação, mergulharam na subcave trancando todas as portas por onde passava. O Pretinho seguia-nos, pois os investigadores não desdenharam da sua receptividade e desenhavam mesmo a sua presença, caso esses roedores obscuros se viessem a manifestar. Só de passagem voltámos a reparar nas inscrições romanas e nos relevos desconhecidos do altar, pois três desses académicos já os haviam observado. Uma atenção especial era dada a esse imponente altar central e, no espaço de uma hora, *Sir William Brinton* conseguira-o desviar, usando para tal um tipo desconhecido de alavanca.

Diante de nós revelou-se então um tal horror que nos teria completamente dominado se não estivéssemos já preparados. Através de uma abertura nos mosaicos do chão, mais ou menos quadrangular, que dava para um lanço de degraus de pedra tão prodigiosamente gastos, que a escada se assemelhava a um plano inclinado bem ao centro, encontrava-se uma horrível colecção de ossos humanos e semi-humanos. Os que ainda se mantinham dispostos como esqueletos revelavam-nos atitudes de pânico e de medo, e todos eles exibiam as marcas dos dentes de roedores. Os crânios nada mais revelavam senão a mais completa idiotia e cretinismo não muito distante das formas mais primitivas dos macacos. Por cima desses degraus repletos de recordações macabras havia uma passagem arqueada e descendente cinzelada do mesmo modo na rocha sólida, por onde passava uma corrente de ar. Esta não tinha o odor nauseabundo que seria de esperar numa cripta fechada, mas consistia numa brisa com alguma frescura. Não demorámos muito tempo, mas ainda a tremer começámos a desviar os ossos para descermos. Foi então que *Sir William*, ao examinar essas paredes escavadas observou curiosamente que, de acordo com a direcção das ferramentas que a tinham aberto, essa passagem fora escavada *de baixo para cima*.

Agora terei que ser muito objectivo e escolher bem as minhas palavras.

Após termos descido alguns degraus, por entre esses ossos roídos vimos que havia uma luz ao fundo. Não se tratava de nenhuma mística fosforescência, mas uma luz diurna e filtrada que apenas poderia ter a sua

origem nas fissuras da escarpa que dominava esse vale ermo. Que tais fissuras não nos tivessem chamado à atenção quando vistas do exterior não era de admirar, pois esse vale não era apenas desabitado mas a escarpa era tão alta e abrupta que apenas um aeronauta a poderia ter examinado detalhadamente. Uns passos mais adiante, suspendemos literalmente a respiração, tão literalmente que Thornton, o nosso investigador em matérias psíquicas, desmaiou nos braços do homem surpreendido que se encontrava atrás dele. Norrrys, com o seu rosto arredondado extremamente pálido e sem expressão, limitou-se a gritar uns quantos sons, enquanto eu penso ter apenas arquejado ou ciciado, à medida que cobria os meus olhos. O homem atrás de mim — o único nesse grupo que era mais velho do que eu — emitiu um convencional «Meu Deus!», com a voz mais rachada que jamais ouvi. Entre esses sete homens cultivados apenas *Sir William* manteve a sua composição, algo que terá que ser apreciado pois era ele quem liderava o grupo e deveria ter sido o primeiro a ter essa visão.

Tratava-se de uma gruta sombria com uma grande altura, que se estendia bem para lá do que a nossa vista poderia alcançar, um mundo subterrâneo imensamente misterioso e cheio de horríveis sugestões. Havia edifícios e outras ruínas arquitectónicas — num rápido vislumbre aterrorizado vi estranhos tipos de túmulos, um círculo selvagens de monólitos, uma ruína romana com abóbadas baixas, um edifício saxónico meio desmantelado, e uma primitiva construção inglesa em madeira — mas tudo isso parecia ser diminuído pelo tétrico espectáculo que se nos apresentava por todo o chão. Pois, não a muitos metros dos degraus havia incríveis pilhas de ossos humanos, ou pelo menos tão humanos como os que encontráramos nos degraus. Como um mar de espuma assim se estendiam, alguns deles já desarticulados, mas outros formando esqueletos, em parte ou na totalidade. Estes últimos apresentavam-se invariavelmente em postura de um frenesim demoníaco, ou lutando contra alguma ameaça ou procurando outros indivíduos com intuítos antropofágicos.

Quando o Dr. Trask, o antropólogo, parou para classificar os crânios, encontrou uma mistura degradada que muito o intrigou. A maioria era bastante inferior ao Homem de Piltown⁸ numa escala evolutiva, mas, em todo o caso, definitivamente humana. Outros pareciam mais evoluídos e uns quantos eram os crânios de indivíduos muito mais sensíveis e desenvolvidos. Todos esses ossos tinham sido roídos, na sua grande maioria por ratazanas, mas talvez por outros de uma natureza

⁸ Esqueleto de uma espécie de homem primitivo descoberto em 1912, na aldeia de Piltown, que mais tarde se veio a descobrir não passar de um mera brincadeira feita de ossos humanos e de animais.

semi-humana. Misturados com essas ossadas havia pequenos ossos de ratanas, talvez os membros dizimados desse exército letal que desse modo encerra a velha épica.

Espanta-me que qualquer um de nós tivesse vivido e mantido a sua sanidade mental após esse hediondo dia de descobertas. Nem Hoffmann ou Huysmans poderiam ter concebido um cenário mais tremendamente incrível, mais freneticamente repelente, ou mais grotescamente gótico do que o dessa gruta sombria, através da qual nós sete cambaleávamos, de revelação em revelação, tentando não pensar, nesse momento, nos acontecimentos que aí deveriam ter ocorrido há trezentos anos, ou há mil, há dois mil ou há dez mil. Tratava-se da antecâmara do inferno, e o pobre Thornton voltou a desmaiar quando Trask o informou de que algumas dessas coisas em forma de esqueleto deveriam ter descendido de quadrúpedes durante as últimas vinte ou mais gerações.

O horror parecia sobrepor-se a si mesmo logo que começámos a interpretar esses restos arquitectónicos. Os monstros quadrúpedes — com os seus recrutas ocasionais da classe bípede — tinham sido mantidos em pocilgas de pedra, das quais se deveriam ter libertado no seu último delírio de fome ou de pavor das ratanas. Havia grandes rebanhos deles, sem dúvida engordados com esses vegetais vulgares, cujos restos poderiam ser encontrados como uma espécie de colheita venenosa no fundo de enormes reservatórios de pedra, mais velhos do que Roma. Agora sabia qual a razão para que os meus antepassados tivessem tantos campos de vegetais, e oxalá me pudesse esquecer!... A finalidade desses rebanhos foi algo que eu não tive que perguntar.

Sir William, de pé com a sua lanterna junto a umas ruínas romanas, traduziu em voz alta o ritual mais chocante de que alguma vez tive conhecimento, falando da dieta de um culto antediluviano encontrado pelos sacerdotes de Cibele e adoptado pelos mesmos. Norrys, apesar de estar habituado às trincheiras, não conseguia andar direito quando saiu do edifício inglês. Este tratava-se de um talho ou de uma cozinha, tal como ele esperara, mas fora demasiado para ele ver alguns instrumentos familiares nesse lugar e ler inscrições em inglês, alguns relativamente recentes, de 1610. Eu não consegui aí entrar — nesse edificio a cujas actividades demoníacas o meu antepassado Walter de la Poer tinha posto fim.

Onde me aventurei a entrar foi no baixo edificio saxónico, cuja porta e carvalho estava por terra. Foi aí que encontrei uma fila de dez celas de pedra com grades enferrujadas. Três delas tinham esqueletos que revelavam uma evolução normal e, nos ossos do dedo de um deles encontrei um anel com o meu próprio brasão. *Sir* William encontrou uma cripta com celas ainda mais antigas, por baixo da capela romana, mas todas elas estavam va-

zias. Por baixo das mesmas, havia uma cave de tectos baixos, com caixotes e ossos formalmente arrumados, alguns deles com terríveis inscrições paralelas em latim, grego e na língua da Frigia. Entretanto, o Dr. Trask abriu um dos túmulos pré-históricos, revelando crânios que seriam ligeiramente mais humanos que os de gorilas e que apresentavam entalhes ideográficos indescritíveis. Através de todo esse horror o meu gato passeava calmamente. Uma vez vi-o monstruosamente equilibrado sobre uma montanha de ossos e pensei nos segredos que talvez se escondessem por detrás dos seus olhos amarelos.

Tendo inspeccionado, até certo ponto, as assustadoras revelações dessa zona na penumbra — uma área tão hediondamente antecipada pelo sonho recorrente —, voltámos para a aparente profundidade sem fim dessa escura caverna, que nenhum raio de luz vindo das escarpas poderia penetrar. Nunca poderemos saber que mundos cegamente estígio se escancaravam, para lá da pequena distância que tínhamos percorrido, pois fora decidido que tais segredos não seriam bons para a humanidade. Mas havia, mesmo à mão, coisas suficientes para nos entreterem, pois ainda não tínhamos avançado muito quando a luz das nossas lanternas nos mostrou uma maldita infinidade de poços nos quais as ratazanas se tinham banqueteadado e, cuja falta de reabastecimento fizera com que esse exército de roedores insaciáveis se tivesse voltado para os rebanhos vivos de criaturas esfomeadas, e depois terem irrompido do priorado nessa histórica orgia de devastação que os camponeses nunca hão-de esquecer.

Meu Deus!... aqueles tétricos poços negros de ossos quebrados e rídeos e esses crânios abertos!... Aqueles abismos de pesadelo repletos de ossos de pitecantropóides, celtas, romanos e ingleses, através de séculos amaldiçoados! Alguns deles estavam cheios e ninguém poderia dizer quão profundos tinham sido em tempos. Outros pareciam ainda não ter fim, à luz das nossas lanternas e estavam povoados de fantasias inomináveis. Que acontecera afinal, pensei então, a essas infelizes ratazanas que tinham caído nessas ratoeiras por dentro da escuridão, durante as suas negras buscas nesse mórbido Tártaro?

Uma vez, o meu pé quase escorregou para um desses buracos horriavelmente escancarados, e senti por instantes um medo aterrador. Eu deveria ter estado absorto durante muito tempo, pois não conseguia ver mais ninguém do grupo para além do bem nutrido Capitão Norrys. E em seguida, ouvi um som vindo do ponto mais longínquo dessa distância, semelhante a tinta negra, que eu pensei reconhecer, e vi o meu velho gato preto correr à minha frente como um deus egípcio e alado, para dentro desse ilimitado abismo desconhecido. Mas eu também não estava muito mais atrás, como pude verificar um segundo depois. Tratava-se das inusitadas correrias des-

sas ratazanas endemoninhadas, sempre em busca de novos horrores, e decididas a que eu não parasse de avançar por dentro dessas arreganhadas cavernas do centro da terra, onde Nyarlathotep, esse deus louco sem rosto, uiva cegamente ao som de dois amorfos flautistas mentecaptos.

A minha lanterna ficou então sem pilhas, mas eu continuava a correr, a ouvir vozes e uivos, e cócs, mas, acima de tudo, essa ímpia e insidiosa correria a aumentar cada vez mais, a crescer, como cadáver rígido e intumescido se ergue de um rio oleoso que corre sob pontes e ónix sem fim, para um mar negro e pútrido. Algo esbarrou comigo, algo macio e cheio. Deveria ter sido as ratazanas, esse exército viscoso, gelatinoso e insaciável que devora os mortos e os vivos... Mas por que razão não deveriam as ratazanas comer um de la Poer, do mesmo modo que um de la Poer ingere coisas proibidas? A Guerra devorou o meu filho, malditos sejam todos... e os ianques devoraram Carfax com chamas, queimando o Grão Fidalgo Delapoe e o segredo... Não, não, acreditem, eu *não sou* esse demoníaco porqueiro na gruta sombria! Não foi o rosto gordo de Edward Norrys que eu vi naquela coisa flácida e cheia de fungos! E quem diz que eu sou um de la Poer? Ele viveu, mas o meu filho morreu!... Será justo que um Norrys se assenhoreie das terras de um de la Poer?... É vodu, podem ter a certeza... aquela cobra malhada... Maldito sejas tu, Thornton, ainda te hei-de ensinar a desmaiar perante o que a minha família faz!... Malditos sejam, seus ranhosos, ainda vos hei-de ensinar a degustar... *wolde ye swynke me thilke wys?... Magna Mater! Magna Mater!... Atys... Dia ad aghaidh 's ad aodann... agus bas dunach ort! Dhonas 's dholas ort, agus leat-sa!... Ungl... ubgl... rrlh... chchch⁹...*

Foi isso que eles disseram que eu disse quando me encontraram na escuridão ao fim de três horas, ajoelhado diante do corpo meio devorado do Capitão Norrys, com o meu gato a arranhar-me a saltar-me para a garganta. Presentemente, fizeram explodir Exham Priory, levaram o Pretinho, o meu gato, para longe de mim, e trancaram-me nesta cela gradeada de Hanwell¹⁰, onde ouço comentários sussurrados acerca da hereditariedade e das minhas experiências. Thornton encontra-se na cela ao lado, mas não me deixam falar com ele. Estão também a tentar suprimir muito dos factos relacionados com essa mansão. Quando falo do pobre Norrys, acusam-me de uma coisa hedionda, mas eles devem saber que eu não fui o responsável pelo seu fim. Devem saber que as ratazanas, essas escorregadias ratazanas corredoras cujo tropel nunca me deixa dormir, essas ratazanas demoníacas que correm por detrás da superfície acolchoada desta sala, convidando-me

⁹ Nesta passagem passa-se do inglês médio ao latim e ao gaélico.

¹⁰ Um manicómio de Inglaterra.

para horrores ainda maiores do que aqueles que conheci, as ratazanas que eles nunca ouvem, essas ratazanas nas paredes.